

Análise da evidencialidade na fala dos guineenses focalizando o (des)comprometimento com a língua portuguesa em relação as suas línguas maternas

Analysis of evidentiality in the speech of Guineans focusing on the (dis)commitment to the Portuguese language in relation to their native languages

*Cláudia Ramos Carioca**

claudiacarioca@unilab.edu.br

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO: Este artigo explicita as marcas evidenciais que particularizam o falar dos estudantes guineenses quando questionados sobre as línguas que falam, mostrando em que medida se (des)comprometem com aquilo que é dito, como algo que revela o processo de oficialidade linguística por que tem passado seu país à luz da focalização. A abordagem teórica está fundamentada em pesquisas que nos fazem refletir sobre o estatuto da língua portuguesa na comunidade lusófona; como também em pesquisas que nos possibilitam delinear os contornos linguísticos de Guiné-Bissau; além do Funcionalismo Linguístico centrado no uso, que contempla a reflexão ou a discussão de seus aspectos teóricos e metodológicos aplicados à descrição e à análise do português que nos apresentam a evidencialidade como uma categoria linguística que permite, estrategicamente, a manipulação de informações quanto à explicitação da fonte do conhecimento informado e ao grau de comprometimento do sujeito-enunciador com tais informações.

PALAVRAS-CHAVE: Evidencialidade. Funcionalismo. Focalização. Língua portuguesa. Guiné-Bissau.

ABSTRACT: This article explains the evidential marks that particularize the speech of Guinean students when questioned about the languages they speak, showing to what extent they (dis)commit to what is said, as something that reveals the process of linguistic officiality through which their country in the light of the focus. The theoretical approach is based on research that makes us reflect on the status of the Portuguese language in the Lusophone community; as well as in researches that allow us to delineate the linguistic contours of Guinea-Bissau; in addition to the use-centered Linguistic Functionalism, which contemplates the reflection or discussion of its theoretical and methodological aspects applied to the description and analysis of Portuguese, which present us with evidentiality as a linguistic category that strategically allows the manipulation of information regarding the explanation of the

* Professora Adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLIN) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com estágio pós-doutoral concluído em Políticas Linguísticas através do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/Capes).

source of informed knowledge and the degree of commitment of the subject-enunciator with such information.

KEYWORDS: Evidentiality. Functionalism. Focusing. Portuguese language. Guinea Bissau.

Introdução

O presente estudo faz parte do projeto de estágio pós-doutoral “A situação linguística do Português nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOPs) e no Timor-Leste: as funções sociais e as políticas de difusão” e objetiva explicitar as marcas evidenciais que particularizam o falar dos estudantes guineenses quando questionados sobre as línguas que falam, mostrando em que medida se comprometem ou se descomprometem com aquilo que é dito, como algo que revela o processo de oficialidade linguística por que tem passado seu país.

A abordagem teórica está fundamentada nas pesquisas de Calvet (2007), Orlandi (2007), Cahen (2010) e Neves (2012), entre outros, que nos fazem refletir sobre o estatuto da língua portuguesa na comunidade lusófona; como também as pesquisas de Couto (1990), Cabral (1990), Intumbo (2004, 2008), Candé (2008), Embaló (2008), Couto e Embaló (2010), dentre outros, que nos possibilitam delinear os contornos linguísticos da República da Guiné-Bissau; além do Funcionalismo Linguístico centrado no uso que contempla a reflexão ou a discussão de seus aspectos teóricos e metodológicos aplicados à descrição e à análise do português explicitados por Nuyts (1993), Bybee e Fleischmann (1995), Neves (2006) e Carioca (2011), que nos apresentam a evidencialidade como uma categoria linguística que permite, estrategicamente, a manipulação de informações quanto à explicitação da fonte do conhecimento informado e ao grau de comprometimento do sujeito-enunciador com tais informações.

A metodologia adotada consistiu de três etapas: a primeira diz respeito à apresentação da abordagem funcional de forma sucinta; enquanto a segunda concerne ao levantamento bibliográfico acerca do estatuto linguístico de Guiné-Bissau, tendo como foco a situação de oficialidade da língua portuguesa neste país; já a terceira apresenta uma análise linguístico-discursiva da fala de vinte estudantes guineenses, constituída a partir do *corpus* do projeto Variação e Processamento da

Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA)¹ que utiliza o questionário do Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) para a realização de entrevistas com discentes dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do Timor-Leste.

Na constituição do banco de dados, o PROFALA organizou a coleta de dados de acordo com as seguintes variáveis: país de origem, sexo e tempo de permanência no Brasil. O questionário é constituído por questões que focalizam aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, pragmáticos e metalinguísticos. Este trabalho faz um recorte do questionário e analisa apenas uma das dez perguntas metalinguísticas que foram reformuladas para o contexto com os informantes pesquisados, a que questiona quais as línguas que ele fala, tendo em vista que é uma pergunta que possibilita a verbalização da evidencialidade pela explicitação do nível de (des)comprometimento com o que é focalizado pelos guineenses acerca de seu próprio contexto linguístico.

1 A Abordagem Funcional

A aplicação da abordagem funcionalista nesta pesquisa se vale do entendimento expresso por Sperança-Crisuolo (2014, p. 30) de que:

Adota-se uma postura moderada, em que forma e função estão em constante relacionamento. Segundo essa vertente, têm grande destaque os trabalhos de Dik, com a Gramática Funcional (1989, 1997), e Hengeveld e Mackenzie (2008), autores da recente teoria da Gramática Discursivo-Funcional. A opção por uma postura moderada na análise funcional da língua justifica-se por se admitir sua “maleável” sistematicidade, visto que até mesmo as situações de uso da língua apresentam regularidades.

Assim como a sistematização feita por Furtado da Cunha e Bispo (2013, p. 54) acerca da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) de que:

É uma abordagem que integra os postulados da Linguística Funcional de vertente norte-americana, representada, sobretudo, por Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee, e da Linguística Cognitiva, conforme formulada por George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, John Taylor e William Croft, entre outros (TOMASELLO, 1998; 2003; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, no prelo).

Essas duas correntes compartilham a concepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na

¹ Vide www.profala.ufc.br.

interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. A inter-relação dessas três dimensões motiva a fixação de padrões gramaticais, via ritualização, a partir de ambientes interacionais específicos. Portanto, a LFCU não se restringe à observação de aspectos formais da língua, ou da difusão das formas pela organização social, mas leva em conta, em suas análises, dados semânticos, pragmáticos e discursivos que se manifestam na língua em uso. Em linhas gerais, essa área de pesquisa defende uma relação estreita entre a codificação linguística e o uso que os falantes fazem da língua em situações reais de interação comunicativa.

Ainda Furtado da Cunha e Tavares (2007) destacam que “a aparente regularidade e instabilidade da língua são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social”, e Furtado da Cunha e Bispo (2013) ratificam que, “para descrever e explicar a gramática da língua com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais, a teoria linguística tem, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza.”

Em todos os apontamentos citados aqui, é certo que o uso de determinada expressão linguística se vale da maneira própria com que o usuário da língua quer expressar seu pensamento e dar o efeito de sentido desejado àquele que participa do jogo comunicativo.

De acordo com Furtado da Cunha e Bispo (2013, p. 62), “na análise de fatos linguísticos, a LFCU utiliza princípios e categorias analíticas, além de levar em conta processos cognitivos subjacentes à codificação morfossintática desses fatos”. E destacam alguns: iconicidade, marcação, contrastividade, informatividade, perspectivação, categorização, prototipicidade, plano discursivo, saliência perceptual, projeções metafóricas e metonímicas. Dentre estes, elencamos o princípio da perspectivação que, associada à informatividade, vincula-se ao direcionamento da atenção sobre um evento referencial; isto é, tem a ver com a focalização de aspectos específicos de uma cena (TOMASELLO, 1998).

Acerca disso, os autores apresentam que:

Nesse sentido, ao relatar um determinado evento ou descrever uma dada situação, o usuário da língua escolhe um elemento particular como o ponto de vista a partir do qual esse evento/situação é comunicado/a. É o que ocorre, por exemplo, no título das manchetes em (4) e (5), nas quais se noticia a saída do técnico do Santos.

(4) Muricy Ramalho deixa o comando do Santos após dois anos de trabalho (Esporte Uol, disponível em: <http://esporte.uol.com.br>. Acesso em: 31 mai. 2013)

5) Santos anuncia a demissão do técnico Muricy Ramalho (R7 Esportes, disponível em: <http://esportes.r7.com>. Acesso em: 31 mai. 2013)

No primeiro caso, além de a atenção focal ser mapeada em Muricy Ramalho, com menor atenção no restante da informação, destaca-se o fato de ele sair do comando do time. Já em (5), a atenção volta-se para o time, a quem coube dispensar o técnico, enquanto o restante fica menos saliente em termos cognitivos (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 66-67).

Assim, neste artigo, utilizaremos a categoria analítica focalização para explicitar as marcas evidenciais, a partir do entendimento de Gonçalves (1998, p. 32) quando diz que:

Em estudos pautados na orientação teórica da Linguística Textual (cf., p. ex., Koch et alii, 1991 e Grosz, 1981: 84-9), o termo 'Focalização' faz referência à direção de leitura que o falante/leitor tende a imprimir ao texto, podendo interpretá-lo através de diferentes perspectivas, de acordo com a ótica assumida. Neste artigo, diferentemente, entendo por Focalização o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/evidência um determinado item do texto.

2 O Quadro Sociolinguístico da Guiné-Bissau

A partir dos estudos de Couto (1990), Cabral (1990), Intumbo (2004, 2008), Candé (2008), Embaló (2008), Couto e Embaló (2010), são delineados os contornos linguísticos da República da Guiné-Bissau, um país da costa ocidental da África que adotou o português como a sua língua oficial.

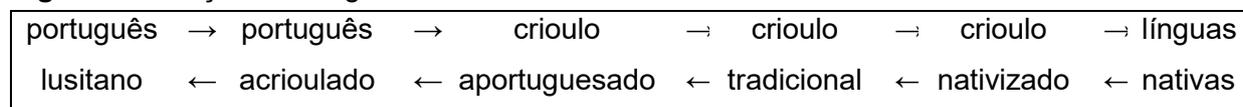
Estando bem próxima de comemorar apenas cinquenta anos de uma independência bem conflituosa, Guiné-Bissau vivencia uma divisão linguística bem característica de sua composição étnica: cerca de 30 línguas e dialetos de diversos povos africanos que convivem num território um pouco menor que o estado do Rio de Janeiro. Sobre isso, há o esclarecimento de que:

As migrações internas por razões económicas e em consequência da colonização bem como a geografia do país também contribuíram para a parcelação étnico-linguística do país. Em média, por cada 40/50 km de estrada, atravessamos um rio e entramos num território linguístico ou dialectal diferente (INTUMBO, 2008, p. 1).

Hoje, em Guiné-Bissau, a situação linguística projeta-se numa dupla intersecção diglósica, ou diglossias sobrepostas, quando se relacionam o crioulo guineense

(*kriol*) e as línguas africanas do país (provenientes da família das línguas nígero-congolesas) ou o português e o crioulo referido, como na figura abaixo:

Figura 1: Relação interlinguística na Guiné-Bissau



Fonte: Couto e Embaló (2010, p. 31)

Tal situação advém de um contexto sócio-histórico de colonização no século XIX, no qual Portugal não se fixou na região guineense e, por isso, a língua portuguesa não conseguiu sua implementação no país. Aliado a isso, havia a necessidade de comunicação com os aborígenes, o que provocou a mistura entre as línguas (as línguas africanas com o português) e o surgimento de um crioulo de base lexical portuguesa: o crioulo da Guiné-Bissau. Quando Portugal resolveu sua fixação no território da costa guineense, somente no século seguinte, já se havia instalado e evoluído o processo linguístico de criouliização.

Outro fator que colaborou para a expansão do crioulo foi a disputa pela independência do país no período de 1963 a 1974, pois considerava-se a língua portuguesa como a língua do inimigo-colonizador, ao mesmo tempo em que o uso concomitante de várias línguas nativas não dava conta de um relacionamento comunicativo que envolvesse a nação em sua totalidade. Assim, o crioulo passa a ter esse papel intercessor – nem é a língua do invasor nem a língua de apenas uma etnia.

O prestígio linguístico de cada uma dessas línguas (português, crioulo, línguas africanas) se dá na proporção em que são adquiridas e assimiladas, fazendo parte da competência textual do indivíduo como língua veicular, língua materna ou segunda língua.

O domínio social das línguas africanas acontece por meio do nascimento dos guineenses em comunidades rurais ou em famílias que as utilizam como meio de comunicação, servindo como instrumento mediador entre as relações sociais vigentes (com familiares, com vizinhos, com amigos, nas cerimônias – casamentos, funerais, festas folclóricas –, na religião etc.), “através das quais se transmitem os conhecimentos ancestrais, as tradições e a identidade comunitária” (EMBALÓ, 2008, p. 102).

Já o domínio social do crioulo, como referido anteriormente, acontece pelo seu *status* de conduzir a unidade linguística nacional, sendo considerada a verdadeira língua franca do país. Nas comunidades urbanas, quando o indivíduo não o tem como língua materna, é adquirido muito cedo, o que ocorre muitas vezes concomitantemente com uma língua nativa. Seu uso no comércio, nos serviços públicos, na literatura informal, nas composições musicais, no Parlamento, no discurso político, na televisão, no rádio etc., colabora para a continuidade desse *status*.

No caso do domínio social da língua portuguesa, que vem desde a dominação colonial, visto que era a língua usada na escola, nas instituições administrativas e na imprensa, observa-se que seu uso promove uma estratificação social, por isso é “tida como a língua das elites e associada ao prestígio, a pessoas com um certo grau de escolaridade ou que vivem/viveram no exterior, principalmente em Portugal, ou ainda àquelas que convivem/conviveram de perto com os portugueses” (INTUMBO, 2008, p. 4).

O fato é que, apesar de não falarem o português, os guineenses falantes do crioulo conseguem compreender e até mesmo podem se comunicar com os portugueses e com os guineenses que têm o português como língua materna. O estudo feito por Djaló (1987) apresentou um percentual de uso das línguas mais faladas pela sociedade guineense, considerando-se que todos os grupos étnicos possuem a sua própria realidade linguística. A estatística mostrou que

Entre as línguas mais faladas destacam-se o crioulo (44%), balanta (25%), fula (20%), português (11%), mandinga (10%), manjaca (8%). Estima-se que cerca de 30% da população seja bilíngue e 12% trilingue. De entre os bilíngues, 26% falam o crioulo mais uma outra LN. O número da população bilíngue do crioulo-português é de 2% e só 1,9% da população fala duas LN fora do crioulo e do português. De entre os monolíngues, cerca de 17% são falantes do fula, 15% do balanta, 7% do mandinga, 5% do manjaco, 4% do crioulo e 0,3% do português. O total dos monolíngues, excluindo os do crioulo, é 44%, percentagem igual à da população falante do crioulo (DJALÓ, 1987, p. 106-107).

Fica claro, então, que a República da Guiné-Bissau é um país multilíngue, mas com níveis de uso bastante diversificados, tendo em vista que as línguas nativas não dispõem de uma codificação, permanecendo em sua modalidade oral. O mesmo ocorre com o crioulo guineense, que, “apesar da sua expansão e do seu papel na

comunicação oral, [...] ainda não tem uma grafia normativa, existindo apenas algumas propostas apresentadas” (CANDÉ, 2008, p. 18).

O progresso de uma nação tem uma associação estreita com a forma como o país se relaciona com outros países e como veicula seu próprio conhecimento através da escrita. Assim sendo, na Guiné-Bissau, fez-se o aproveitamento da herança linguística escrita deixada pelos portugueses, tornando oficial a língua que já tem um intenso aspecto de planificação quando envolve a comunicação internacional, já que é falada por quase 273 milhões de pessoas. Por isso, Amílcar Cabral, mentor da independência de Guiné-Bissau, afirmou que “o português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é mais nada, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo” (CABRAL, 1990, p. 59).

Dos cinco países que constituem os PALOP, é na Guiné-Bissau que o português tem maior dificuldade de desenvolvimento, devido às circunstâncias atuais que não favorecem o apoio ao ensino dessa língua e à existência de projetos para o ensino formal do crioulo nas escolas, como também à manutenção das línguas nativas que se encontram fortemente arraigadas nas comunidades de maior estabilidade das etnias. Entretanto, contrariando tudo isso, é a língua portuguesa a língua oficial da república guineense, assumindo o estatuto de língua veiculadora da administração, da justiça, da legislação, da comunicação com outros países e da educação.

3 A Evidencialidade

A evidencialidade é uma categoria linguística que chama a atenção pelo fato de ser considerada como meio de revelação da fonte de um conteúdo proposicional, marcando também o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição (BYBEE; FLEISCHMANN, 1995, p. 4).

As marcas evidenciais servem como estratégias discursivas na construção textual para um maior ou menor comprometimento com a proposição que se quer considerar, portanto, promovem a indicação da fonte do saber expresso pelo falante, determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores (DALL’AGLIO-HATTNER, 2001, p. 118). Desse modo, descrever essas marcas envolve uma relação direta do grau de envolvimento do falante com o que está

querendo dizer, fornecendo ao ouvinte subsídios que o farão interpretar corretamente a mensagem proposta como sendo de uma fonte ou não, responsabilizando essa fonte pelo que foi dito.

Já numa relação direta do grau de comprometimento com a responsabilidade que o falante pode ter com a proposição que emite, Thompson (1996, p. 37) afirma que é possível determinar alguns valores ou escalas indicativas para este grau (alto, médio e baixo), tomando por base o estabelecido por Halliday (1994) para os operadores modais, conforme o grau de proximidade, de probabilidade ou certeza conferido à declaração.

Os valores instituídos são, segundo Thompson (1996), importantes para a análise modal, porque, diversas vezes, alguns itens linguísticos ou, até mesmo, os mesmos itens linguísticos podem estar implicando, na proposição, diferenciados graus de comprometimento.

Entretanto, essa estudiosa observa que as denominações *alto*, *médio* e *baixo* não são consideradas como categorias absolutas e que representam uma área cuja utilidade pode ser relevante na investigação do comprometimento do falante com a asserção emitida, trazendo, como consequência, uma importante contribuição para a análise de textos em diversas áreas.

Inúmeras pesquisas envolvendo vários tipos discursivos já têm explicitado diversas marcas evidenciais (verbais, substantivas, adjetivas, preposicionais, adverbiais, pronominais etc.) no português brasileiro em relação ao nível de engajamento do que está sendo dito pelo falante/produtor textual (VENDRAME, 2010; CARIOCA, 2011; SILVA, 2013; entre outros), ficando sinalizado que, em ambientes mais formais, como é o caso da entrevista, as pessoas tendem a não se comprometer tanto com as proposições que veiculam.

Numa perspectiva implícita de marcação da evidencialidade, também se percebe que o foco dado a um elemento lexical sugere um nível de comprometimento com o que está sendo dito, entendendo-se focalização como sendo:

Fenômeno de natureza discursivo-pragmática, pois o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. Pode ser definida, assim, como o *highlighting* dado pelo falante à porção do enunciado na qual ele considera estar o núcleo da informação. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o

falante diz quanto o que o ouvinte interpreta (GONÇALVES, 1998, p. 33).

Dessa forma, a gradação evidencial de comprometimento pode ser avaliada sob a ótica do foco, tomando-se como critérios: a) para o alto comprometimento aquilo que o informante apresenta inicialmente na sequência discursiva; b) para o médio comprometimento aquilo que o informante apresenta em segundo na sequência discursiva; e c) para o baixo comprometimento aquilo que o informante apresenta por último na sequência discursiva.

4 A Evidencialidade na fala dos guineenses: o (des)comprometimento com a língua portuguesa em relação às suas línguas maternas à luz da focalização

Na amostra analisada, em observação da resposta à pergunta “Quais as línguas que você fala?”, percebemos como os estudantes guineenses projetam a língua portuguesa quase sempre em segundo ou terceiro lugar na ordenação das línguas que falam. Isso nos demonstra a importância que esse item tem para o informante, tomando como base os estudos de focalização e topicalização, que nos permitem entender que aquilo que é dito primeiramente é o que tem relevância para o falante, conforme se observa no exemplo 1 a seguir, retirado da fala de um informante guineense com menos de seis meses no Brasil:

(1) Inf.17

Doc.: Agora fa::Le quais as línguas que você fala

Inf.: (+) bom pergunta (+) ok eu falo:: quatro língua (+) eu falo:: por que na na Guiné Bissau você sabe que tem tribos diferentes etnias (além de ser etnias) (você ali são brasileiros)

Doc.: sim

Inf.: ma tem na:: no:: na Guiné Bissau tem guineenses que são povo guineense né'

Doc.: hunrum

Inf.: mas a etnia é diferente há pe papéis balantas (manjaco mananos) fulas mandingas (diafarios) e eu pertenço ao grupo de etnia que chama pepeis papéis (mas não é esse papel não é esse papeis) ((risos)) é o nome de uma etnia papéis

Doc.: sim::

Inf.: tem:: eu falo bem essa língua eu falo crioulo que é língua:: materna de comunicação na guiné Bissau hum:: e eu falo português eu falo o inglês

Doc.: muito bem::

Inf.: eu falo inglês

Os quadros a seguir explicitam a ordem de enumeração das línguas que o informante guineense apresentou:

Quadro 1: Ordem de projeção das línguas pelo informante guineense com menos de seis meses no Brasil

Homens com -6 meses	Questão 1: Quais as línguas que você fala?
Inf. 17	papel / crioulo / português / inglês
Inf. 43	mangara / crioulo / português / inglês / ±francês / ±italiano
Inf. 45	francês / português / crioulo
Inf. 46	português / crioulo
Inf. 50	mancanha / crioulo / português
Mulheres com -6 meses	Questão 1: Quais as línguas que você fala?
Inf. 47	crioulo / português / ±francês
Inf. 48	mangara / crioulo / português
Inf. 49	crioulo / papel / português / inglês / ±francês
Inf. 51	português / crioulo / ±francês
Inf. 53	crioulo / língua de etnia / ±inglês

Fonte: Idealizado pela autora

Quadro 2: Ordem de projeção das línguas pelo informante guineense com mais de seis meses no Brasil

Homens com +6 meses	Questão 1: Quais as línguas que você fala?
Inf. 12	crioulo / português
Inf. 93	português / crioulo / ±francês / ±inglês
Inf. 95	crioulo / português / inglês / ±francês / ±espanhol
Inf. 107	crioulo / mancae / ±francês / português
Inf. 109	crioulo / manjaca / português
Mulheres com +6 meses	Questão 1: Quais as línguas que você fala?
Inf. 14	português / crioulo / ±inglês
Inf. 22	fula / crioulo / português
Inf. 23	crioulo / português
Inf. 24	crioulo / português / ±francês
Inf. 34	francês / ±inglês / crioulo / português

Fonte: Idealizado pela autora

O nível de comprometimento com o português para os estudantes guineenses com mais de seis meses no Brasil não é diferente do apresentado pelos estudantes guineenses com menos de seis meses no Brasil, haja vista o que ocorre no exemplo 2 seguinte:

(2) Inf.22

Doc.: quais línguas você fala" você disse que você tem a:: a::

Inf.: a minha etnia fula eu falo crioulo::ló e um pouco de português

((risos))

Doc.: você fala tão bem nossa
Doc.: fala bastante

Os dados descritos na tabela 01 abaixo mostram que, dos vinte estudantes guineenses que compõem a amostra, apenas quatro projetam no início dos seus enunciados a língua portuguesa em relação as suas línguas maternas:

Tabela 1: Percentual de relevância da primeira língua citada no enunciado dos estudantes guineenses sobre as línguas que falam

Língua	Falantes	%
Crioulo	09	45%
Língua de etnia	05	25%
Português	04	20%
Língua estrangeira	02	10%
Total	20	100%

Fonte: Idealizada pela autora

Na análise, percebemos que 20% dos estudantes guineenses entrevistados têm um alto comprometimento com o português, por ser esta a primeira língua que é citada por eles ao enunciarem a resposta, como é o caso da ocorrência no exemplo 3 que segue:

(3) Inf.14
Doc.: é:: como chama a língua que você fala”
Inf.: a língua”
Doc.: sim (+) a língua que você fala” se eu te fizer essa pergunta né”
comé o que que você vai dizer”
Inf.: eu fa::lo (+) português:: (+)
Doc.: português”
Inf.: sim
Doc.: é::
Inf.: você num fala as línguas você fala { a língua
Doc.: a língua
Inf.: pronto eu falo português
Doc.: cer::to e as línguas”
Inf.: eu fa::lo:: (+) crioulo:: português:: e:: (+) um poco de inglês

O médio comprometimento ocorre quando o informante assinala o português em segundo lugar nas línguas que ele fala, como ocorre no exemplo 4 abaixo:

(4) Inf.12
Doc.: Como chama a língua que você fala” ou as línguas” quais são as línguas que você fala”
Inf.: eu falo crioulo
Doc.: crioulo” e”

Inf.: e português

Já no baixo comprometimento, o português aparece na sequência falada pelo informante a partir do terceiro lugar nas línguas que fala, mas ocorrem casos em que ele nem cita o português, como no exemplo 5 a seguir, no qual é o documentador que chama a atenção de que o falante também fala português:

(5) Inf.53

Doc.: quais as línguas que você fala”

Inf.: vixe eu só sei falar crioulo e (incompreensível)

Doc.: essas duas é”

Inf.: ah também falo um pouco de inglês

Doc.: inglês um pouco” e a sua língua materna é o crioulo”

Inf.: é crioulo

Doc.: você nasceu disse que nasceu em Bissau não” foi em Bissau”

foi em Bissau mesmo foi nas ilhas não”

Inf.: não’ em Bissau

Doc.: Bissau né’ ah então você já nasceu falando crioulo”

Inf.: é

Doc.: então cê fala crioulo português e um pouco de inglês

Inf.: um pouco de inglês

Considerações finais

Neste breve estudo, explicitou-se que a metade dos estudantes guineenses entrevistados (50%) tem baixo comprometimento com a língua portuguesa, que é a língua oficial de seu país, em relação às suas línguas maternas, tendo em vista que, pelo princípio da focalização (relevância discursiva), aquilo que é mais importante para o sujeito é o que primeiro aparece na enunciação. Dessa forma, quando interpelados sobre quais as línguas que falam, os informantes assumem como referência o crioulo ou sua língua de etnia como um elemento caracterizador de suas raízes, ficando a língua portuguesa relegada a um segundo plano.

No campo das políticas linguísticas, isso demonstra a necessidade de estratégias que modifiquem esse *status* do português para as comunidades de falantes guineenses, pois, embora a nação o considere oficial, as pessoas dessas comunidades não percebem o português como instrumento de uma nacionalidade que os distingue e os caracteriza.

Referências

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CABRAL, Amílcar. A questão da língua. *Papia*, Brasília, v. 1, n. 1, 1990. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1916>>. Acesso em: 30 nov. 2021. (Publicado postumamente).

CAHEN, Michael. Lusitanidade e lusofonia: considerações conceituais sobre realidades sociais e políticas. *Plural Pluriel – revue des cultures de langue portugaise*, n. 7, out.-inv., 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/18917601/Lusitanidade_e_lusofonia_Considera%C3%A7%C3%B5es_conceituais_sobre_realidades_sociais_e_pol%C3%ADticas>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CALVET, Jean Louis. *Políticas Linguísticas*. Tradução: Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; IPOL, 2007.

CANDÉ, Fátima. *A Língua portuguesa na formação de professores do ensino básico da região de Bafatá, na Guiné-Bissau*. 2008. 112f. Dissertação de Mestrado – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/34455>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CARIOCA, Cláudia Ramos. *A Evidencialidade nos textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo*. Fortaleza: EDUFC, 2011.

COUTO, Hildo Honório do. Nota editorial. *Papia*, Brasília, v. 1, n. 1, 1990. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1910>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. *Papia*, Brasília, v. 20, 2010. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1702>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DALL'AGLIO HATTNER, Marize Mattos *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).

DJALÓ, Ibrahima. Contribuição para uma reflexão: educação, multilinguismo e unidade nacional. *Soronda*, Bissau, n. 3, 1987. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/database/IABO/entry/iab19883357/html>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

EMBALÓ, Filomena. O Crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator de identidade nacional. *Papia*, São Paulo, v. 18, p. 101-107, 2008. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2027/1848>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, vol. 15, número especial, p. 53-78, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. In: *Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 1. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2182/2121>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

INTUMBO, Incanha. Situação sociolinguística da Guiné-Bissau, 2008. Disponível em: <<https://1library.org/document/yjj67j2y-situacao-sociolinguistica-da-guine-bissau-incanha-intumbo.html>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

NUYTS, Jan. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, 1993.

ORLANDI, Eni (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

SILVA, Izabel Larissa Lucena. *A expressão da evidencialidade no português escrito do século XX no contexto dos gêneros textuais*. 2013. 200f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8248>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. Uma abordagem funcionalista da língua. In: *Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino*. São Paulo: Edunesp, 2014, p. 29-54. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/sxg7f/pdf/speranca-9788568334454.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

THOMPSON, Geoff. *Introduction Functional Grammar*. Londres: Arnold Publishers, 1996.

TOMASELLO, Michael (Ed.) *The new psychology of language*, v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

VENDRAME, Valéria. *Os Verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. 2010. 173f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/100108>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Recebido em 18/05/2022

Aceito em 06/06/2022

Publicado em 14/06/2022